



HAL
open science

“Augusto Costa Dias”

Christophe Araujo

► **To cite this version:**

Christophe Araujo. “Augusto Costa Dias”. Dicionário de Historiadores Portugueses, 2019. hal-04283643

HAL Id: hal-04283643

<https://hal.science/hal-04283643>

Submitted on 13 Nov 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



DIAS, Augusto da Costa (Trouxemil, 1919 – Lisboa, 1976)

Augusto Palhinha da Costa Dias foi um historiador que, como outros, encontrou grandes dificuldades no exercício do seu ofício. Desde os finais do século XIX e sobretudo na época da Primeira República, à prática historiográfica – no sentido etimológico de processo de escrita da história – como matriz do que define uma ou um historiador, acrescentou-se a docência da ciência histórica, quer em seminários, quer em aulas nas então recém-fundadas faculdades de Letras ou outros cursos de ensino superior. Mas a dinâmica autoritária da Ditadura Militar e depois do Estado Novo suscitou uma ruptura. De facto, motivos ideológicos impossibilitaram qualquer percurso no meio académico a opositores. Pelo contrário, os investigadores que aceitavam ou não manifestavam oposição à ideologia do regime conservador, podiam continuar a sua atividade. A docência era negada a pessoas que escreviam história, tanto nas faculdades como, às vezes, nas escolas secundárias. Augusto da Costa da Dias é disso um exemplo.

Costa Dias nasceu a 12 de fevereiro de 1919, na aldeia de Trouxemil, perto de Coimbra, no seio de uma família da classe média ligada à pequena atividade agrícola e depois ao pequeno comércio. Era o penúltimo de nove irmãos, que passaram a sua infância em Arganil, depois em Coimbra já durante os estudos secundários. A sua saúde era frágil devido a uma doença óssea, que foi agravada por uma queda na Sé Velha de Coimbra que o deixou quase inválido de uma perna. Neste sentido, o seu percurso escolar, bastante acidentado mesmo quando a família se deslocou para Lisboa, foi sendo interrompido por internamentos prolongados em diversos sanatórios – como o da Parede, perto de Lisboa. Iniciou os seus estudos secundários em Coimbra, e veio a concluí-los já em Lisboa. A par da formação que foi completando, trabalhou em diversas áreas: como angariador de publicidade, vendedor comercial na empresa dos seus irmãos “Irmãos Costa Dias, Lda” (que deixaria no fim da II Guerra Mundial, quando acabou a sua formação superior), publicitário na empresa Êxito, onde trabalhou com Alves Redol e Alberto Ferreira. Costa Dias inscreveu-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, terminando a licenciatura em 1954, com 35 anos. Logo depois, concorreu à carreira de professor liceal. Contudo, foi impedido de obter uma vaga, uma vez que era já, por esse período, vigiado pela PIDE devido às suas atividades ligadas ao Partido Comunista Português, no qual começara a sua militância com cerca de 20 anos. Costa Dias acompanhou este Partido até o fim da sua vida. Foi ele quem promoveu a adesão ao PCP de



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

escritores como José Saramago ou António Modesto Navarro. Uma das suas raras experiências de docência ficou patente na criação de uma sala de estudos para adultos denominada “André de Resende”, que promoveu com Alberto Ferreira e José Marinho; mas, para contornar qualquer suspeita, que poderia acabar no impedimento do curso desse estabelecimento, este foi fundado pelas respetivas mulheres, usando os apelidos de solteiras. De tal forma que outros aspirantes a professores, em semelhante situação, como António Borges Coelho e outros mais, puderam lecionar nesta sala de estudos, exercendo uma atividade que lhes era negada no ensino oficial.

Vedado o exercício da docência, restou a Augusto da Costa Dias pesquisar e escrever. Mas até estas atividades foram muitas vezes restringidas, devido à repressão política de que o meio cultural era alvo. Costa Dias decidiu então focar-se em atividades profissionais que abrangiam toda a promoção cultural: tornou-se, como o designou Alexandre Cabral num artigo de homenagem na *Seara Nova*, um “fomentador cultural” de relevo nos meados do século XX. Este papel pode verificar-se em vários registos. O primeiro está ligado ao meio editorial. Na década de 1950, criou, com António José Saraiva, uma editora e distribuidora chamada “Guilda do Livro e do Disco”, a coberto da qual circularam obras proibidas em Portugal. Após a partida de Jorge de Sena para o Brasil, Costa Dias ocupou, a partir de 1959, o cargo de diretor literário na Portugália Editora que deteve até 1968. Aí criou a “Coleção Portugália”, onde publicaram historiadores que encontravam dificuldades de edição – Borges Coelho, José Tengarrinha, Oliveira Marques, Joel Serrão, Victor de Sá, entre outros. Lançou ainda outras coleções literárias para poetas e romancistas como Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Vergílio Ferreira, Alves Redol e José Régio. Também nesta editora, tradicionalmente dedicada à publicação de antologias ou de reedições, salientem-se algumas obras onde Costa Dias apresentou reedições, sobretudo focadas no século XIX. Títulos de Trindade Coelho, como *O Senhor Sete*, de Basílio Teles, como *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro* e as *Memórias políticas*, ou de Almeida Garrett, como *O Roubo das Sabinas* e *Viagens na Minha Terra*, no âmbito das obras literárias do escritor romântico. Para este último livro, Costa Dias foi proibido de consultar a edição original da obra na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (foi Maria Helena da Costa Dias, sua mulher, quem consultou a obra, usando o apelido de solteira). Mas já não conseguiu levar a efeito, por antecipada dissuasão da censura, uma edição em vários volumes da *Obra Política* de Almeida Garrett, depois de dar a conhecer o índice da coleção difundido em folheto. Publicou, no entanto, a coletânea de *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa no Primeiro Parlamento*, onde podemos entrever uma crítica à censura salazarista, adquirindo assim valor de arma política. Muitas dessas edições de carácter historiográfico, de sua autoria ou de outros autores, eram introduzidas por Augusto da Costa Dias e incluíam valiosos índices onomásticos e temáticos, o que não era habitual no meio editorial português.

O trabalho de fomentador cultural incidiu também na tradução de livros, inserindo-se neste âmbito *A Vida Quotidiana no tempo da Revolução Francesa* de Jean Robiquet (1962), *A Vida Quotidiana no Tempo de Luís XIV* de Georges Mongrédien (1963) e *Palestina, Liberdade ou Morte* de Ania Francos (1970). Os dois primeiros trabalhos foram publicados na Editora “Livros do Brasil” e o último numa publicação da Seara Nova.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Nos dois primeiros livros as temáticas estão ligadas à História, abordando os contextos histórico-culturais da Revolução Francesa e do tempo de Luís XIV. Enquanto a obra de Ania Francos remete para o contexto da sua contemporaneidade no que concerne aos conflitos entre palestinianos e israelitas. Para além destas traduções acrescentamos as suas crónicas na imprensa portuguesa nos jornais *Diário de Lisboa*, *República*, *Vértice*, *Seara Nova*. Augusto da Costa Dias usou, nesta última revista, pseudónimos como Ângelo Bravo e João da Ega. Desenvolveu também várias crónicas dedicadas à juventude publicada nas seções “DL juvenil” do *Diário de Lisboa* e “República Juvenil” na *República*. A escrita destas crónicas, de vital importância para si, constituía um modo de dialogar com o público uma vez que não podia exercer a atividade de docente.

A sua obra histórica, iniciada na década de 1960, deve ser destacada pela originalidade que lhe conferiu. Primeiro, pela sua ligação à escola dos *Annales* – a sua biblioteca era constituída por obras de caráter histórico, político e partidário, ligadas ao comunismo – e segundo pela escolha das temáticas. Costa Dias deu uma atenção particular ao século XIX, período pouco estudado pela historiografia, por ser demasiado próximo cronologicamente à contemporaneidade, considerado por isso uma ameaça à esfera política. Da sua principal obra, *A Crise de Consciência Pequeno-Burguesa*, veio a ser publicada em 1962 um primeiro volume denominado *O nacionalismo literário da geração de 90*, sendo a sua escrita iniciada aquando da prisão do ensaísta na cadeia política do Aljube. O título deste livro denota desde logo uma perspetiva marxista com a referência à ideologia pequeno-burguesa. Valorizava o papel da cultura no campo ideológico, pretendendo mostrar como as manifestações culturais estavam sujeitas a condicionalismos de base estrutural, sociais e económicos. Neste livro, Costa Dias salienta o “caráter ainda inédito que, entre nós, conservam as investigações aprofundadas e sistematizadas sobre ideologias”, interessando-lhe “muito mais agitar problemas, levantar hipóteses, discutir ideias, certo de que, numa primeira aproximação, num primeiro contacto com matéria a tantos respeitois nova, esse deveria ser o caminho mais frutuoso”. O autor pretendia destacar, neste primeiro volume, o estudo de autores da chamada *geração de 90*, ou *geração neogarreteana*, como Alberto de Oliveira, António Nobre e Trindade Coelho, enfatizando o seu papel na construção de uma ideologia “pequeno-burguesa”, numa visão que caracterizou como estando virada para os valores do passado, apegada à tradição e ao ruralismo, e com influências do decadentismo e do simbolismo; mas não pode deixar de depreender-se como tal ideologia esteve numa origem próxima do caldo de cultura nacionalista do Estado Novo. Porém, um estudo mais vasto da ideologia burguesa não passou deste volume, já que o autor pretendia, seguindo um método regressivo, tão caro à perspetiva histórica marxista, abarcar a análise de um século de ideologia burguesa em Portugal desde o *garretismo*, ou melhor das ideias nacionalistas de Garrett desde a sua expressão *vinista* em defesa da revolução de 1820. *A Crise de Consciência Pequeno-Burguesa* foi traduzido em espanhol, na coleção “Ibérica” das edições Península, em 1966, revelando (não foram muitas as obras historiográficas portuguesas a obter tradução no estrangeiro).

Costa Dias, depois de passar pela direção literária da Portugália Editoria, abraçou o cargo de diretor de publicidade na Latina-Thompson como acontecia a vários intelectuais mais ligados à esquerda e que

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

acabaram por desenvolver trabalhos na área da publicidade, como o já referido Modesto Navarro, mas também Alexandre Cabral e Urbano Tavares Rodrigues. Este facto pode parecer paradoxal, mas justificava-se pela habilidade do uso das palavras e do seu significado e a consequente alienação do consumidor. Nesta empresa, contribuiu para a criação da secção portuguesa da Associação Internacional de Publicidade. Quando ocorreu o 25 de Abril 1974, Costa Dias foi proposto como professor numa assembleia geral na Faculdade de Letras de Lisboa, ato que o deixou muito honrado. No entanto, devido a problemas de saúde, não chegaria a entrar na Universidade, morrendo de doença prolongada, com 57 anos, na sua casa em Lisboa, a 9 de março de 1976. Apesar do fim da ditadura, nunca teve a oportunidade de abraçar o ensino, mas a sua importância para a cultura portuguesa ficou evidente. Chegou a concluir e a ver editado o seu último ensaio sobre um dos principais autores da literatura portuguesa do século XX: *Literatura e Luta de Classes. Soeiro Pereira Gomes* (1975), no qual, uma vez mais, pôs em relevo o papel da ideologia na corrente literária designada por Neorrealismo.

Bibliografia ativa: *A Crise de Consciência pequeno-burguesa: I - O nacionalismo literário da geração de 90*, Lisboa, Portugália Editora, 1962; *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa*, Lisboa, Portugália Editora, 1966; *Literatura e Luta de Classes: Soeiro Pereira Gomes*, Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

Bibliografia passiva: “Augusto da Costa Dias (1919-1976)”, Folha de sala da Exposição com o mesmo título, BNP, 2019; entrada “Augusto da Costa Dias” em Eugénio LISBOA, Ilídio ROCHA (editores), *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. IV, Mem Martins, Europa-América, 1997, pp.712-714; João Manuel Martins MADEIRA, *Os «Engenheiros de Almas», O Partido Comunista e os intelectuais (dos anos trinta a inícios de sessenta)*, Lisbonne, Estampa, 1996; AA.VV, “Vida e obra de Augusto da Costa Dias, Depoimentos de Alexandre Cabral, Armando Castro, José Gomes Ferreira, José Saramago, Maria Teresa Horta e Vergílio Ferreira”, em Seara Nova, Julho 1976, nº1569, p.30-36.

Os dados biográficos foram recolhidos em entrevista com o Doutor Luís Augusto Costa Dias, a quem agradeço a sua disponibilidade.

Christophe Araújo